

## O MARAVILHOSO NAS VERTENTES DE CINDERELA: COMPARAÇÃO ENTRE OS CONTOS DE FADAS *CINDERELA*, *A GATA BORRALHEIRA* E *BICHO DE PALHA*

Fernando Soares Ferreira de Santana<sup>31</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade realizar uma análise, a fim de observar o maravilhoso na literatura e comparar, encontrando diferenças e semelhanças entre três versões do conto de fadas *Cinderela*. Partindo da pesquisa bibliográfica, apontaremos nas histórias o que Bettelheim (1980), Coelho (1987) e Todorov (1992) expõe a respeito das marcas do maravilhoso e do conto de fadas, além de suas influências no imaginário infantil. Esperamos contribuir com os estudos voltados para os contos de fadas e as variações de *Cinderela*.

**Palavras-chave:** Cinderela; Conto de Fadas; Comparação; Maravilhoso.

### ABSTRACT

The present work aims to perform an analysis in order to observe the wonderful in literature and compare, finding differences and similarities between three versions of the fairy tale *Cinderella*. Starting from the bibliographical research, we will point out in the stories what Bettelheim (1980), Coelho (1987) and Todorov (1992) expose regarding the marks of the wonderful and the fairy tale, in addition to their influences on the children's imagination. We hope to contribute to the studies focused on fairy tales and *Cinderella* variations.

**Keywords:** Cinderella; Fairy tale; Comparison; Wonderful.

### INTRODUÇÃO

A versão escrita mais antiga da história provem da China e foi escrita em meados de 860 a.C., originada a partir de narrativas que predominavam na oralidade. As versões de Charles Perrault, *La gatta cenerentola*, de 1697, e dos Irmãos Grimm estão dentre as mais conhecidas (Miranda, 2015). Se destacando mundialmente como um dos contos de fadas mais conhecidos da história, *Cinderela* possui versões que se diversificam dependendo da cultura de cada região.

Os contos analisados são: *Cinderela*, na versão de Walt Disney; *A Gata Borralheira*<sup>32</sup>, dos Irmãos Grimm; *Bicho de Palha*, recontado por Dáhlia Freire Cascudo. Os contos possuem um vínculo, pois são versões de uma mesma história, que difere e se assemelha em determinados pontos. São esses pontos que pretendemos apresentar e, em alguns momentos, analisar de forma a entender as significações que circundam esses contos de fadas.

---

<sup>31</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso (Campus de Tangará da Serra); e-mail: fernandosoares\_google@hotmail.com

<sup>32</sup> O conto dos irmãos Grimm foi traduzido como *Cinderela* em alguns livros. Optamos por “*Gata Borralheira*” para não haver confusão entre a versão de Walt Disney e a versão dos Irmãos Grimm.

Como finalidade analítica, em alguns momentos ao longo do trabalho, nomearemos os contos da seguinte forma: Primeira História (Cinderela); Segunda História (Gata Borralheira); Terceira História (Bicho de Palha). Partiremos agora para uma síntese dos contos, a fim de fornecer uma contextualização ao leitor.

## **1. CINDERELA, GATA BORRALHEIRA DE BICHO DE PALHA**

Na Primeira História temos Cinderela, uma jovem que cresceu no campo com seu pai, que a amava muito. Quando ele se sente sozinho e se casa com Lady Tremaine, Cinderela vê sua vida mudar completamente. Com a morte de seu pai, ela tem de trabalhar como escrava doméstica para a madrasta e suas filhas, Drizela e Anastácia, que desprezavam Cinderela. Um dia todas as meninas do reino são convidadas para um baile, no qual conheceriam o príncipe, sendo uma delas a escolhida para se casar. Cinderela alimenta esperanças para comparecer, mas acaba sendo impedida de ir mesmo se esforçando muito. Além de tudo, ela ainda tem seu vestido, montado por seus amigos ratinhos, destruído pelas filhas da madrasta. Sua fada madrinha, utilizando magia, ajuda Cinderela a ir ao baile com um belo vestido, em uma linda carruagem e pede a ela que volte à meia-noite. Surge uma paixão mútua pelo príncipe e a jovem, contudo, quando precisa voltar, deixa um de seus sapatinhos de cristal para trás. A mando do rei, o grão-duque busca em todo o reino, levando o sapatinho para encontrar a dona. Quando a madrasta descobre, tranca Cinderela no quarto, mas é liberta pelos ratinhos. O sapatinho cai no chão em pedaços, mas Cinderela, com o outro par do sapato no bolso do avental, consegue provar ser a jovem que procuravam e casa-se feliz com seu príncipe em uma vida dos sonhos.

A Segunda História narra a vida uma jovem que vivia na Europa com seus pais. Quando sua mãe, doente, morre, a jovem órfã vai todos os dias até seu túmulo chorar. Seu pai, agora viúvo, casa-se com uma mulher ambiciosa e cruel que, assim como suas duas filhas, passam a desprezar a jovem. Forçam ela a ser empregada, sendo apelidada de Gata Borralheira por ter de descansar junto ao borralho da lareira. Um dia a jovem pede a seu pai que traga um ramo da primeira árvore que encontrasse em sua viagem de volta pra casa. Ela plantou o ramo no túmulo da mãe e chorou até que molhasse a terra. Tempos depois o rei anuncia um baile de três dias e convida todas as jovens para conhecer o príncipe herdeiro. Depois de muita insistência e falsas promessas, a madrasta de Gata Borralheira não permite que ela vá ao baile. Uma pomba branca, que vivia na árvore do túmulo de sua mãe, e que ajudara a jovem anteriormente, transforma as vestimentas da órfã para que vá ao baile. O

príncipe se apaixonou por ela, contudo, ela precisa ir e, no último dia, deixa o sapato para trás. Ele a procura desesperado, calçando o sapato nas jovens do reino. Ao final, depois das filhas da madrasta tentarem enganar o príncipe calçando o sapato, Gata Borralheira consegue provar ser quem ele procurava. Chegando ao palácio ela se casa com o herdeiro e, por fim, o pai e a madrasta (da agora princesa) fogem do país, sendo desprezados pelo povo.

Maria, personagem da Terceira História, é a linda filha de um homem rico, viúvo, que viajava muito. Ele se casa novamente, tendo Maria que ficar sozinha com sua madrasta. Ela força a enteada a realizar serviços pesados e, depois de muito sofrimento, a infeliz moça resolve fugir e se torna empregada num palácio da cidade. Antes de partir, uma velhinha, que lhe dissera doces palavras, entrega uma varinha para ser utilizada quando a menina desejar algo, estiver em perigo ou sofrimento. Por usar uma capa de palha com capuz, Maria é apelidada de Bicho de Palha no palácio. Do lado oposto da cidade haveria festas de três dias e o príncipe daquele palácio estaria lá. Amado o príncipe em segredo, Bicho de Palha utiliza a varinha para pedir novas vestimentas e uma carruagem, indo ao baile nos três dias. O príncipe questiona onde ela mora e, sem sucesso, procura por ela. Na última noite, tentando sair do baile, o sapato de Maria acaba sendo atirado pra longe. Tendo um criado encontrado o sapato, o príncipe começa as buscas. Ao fim, resta Bicho de Palha calçar o sapato, que sendo lembrada por uma criada vira alvo de chacota dos outros, mas calçando o sapato e revelando um igual no outro pé deixa todos desacreditados. Ao remover a palha, ela revela que era a formosa jovem que dançou com o príncipe. Os dois se casam e vivem felizes.

## **2. A NARRATIVA POPULAR MARAVILHOSA: MARCAS DO CONTO DE FADAS EM CINDERELA**

Dentre as narrativas populares mais disseminadas na literatura infantil estão os contos de fadas. Por vezes, pode-se fazer uma confusão entre as nomenclaturas das manifestações de narrativas populares como essa. Comumente, **o conto de fadas** e **o conto maravilhoso** são utilizados como termos para rotular a literatura infantil clássica. Sobre isso Coelho (1987) discorre que, apesar de ambos serem formas de narrativa maravilhosa, o conto de fadas e o conto maravilhoso não possuem a mesma natureza.

A autora argumenta que essas formas são diferentes, mas, por vezes, confundidas como iguais por estarem incluídas no mesmo conjunto, que seria o das narrativas populares maravilhosas. Para Coelho, o conto de fadas se apresenta:

Com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial (1987, p. 13).

Ela prossegue afirmando que “A efabulação básica do conto de fadas expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance suas auto-realização existencial[...]” (COELHO, 1987, p. 13).

Nos três contos analisados, podemos encontrar príncipes, reinos e objetos mágicos. Os obstáculos definidos pela autora são observáveis em momentos que as protagonistas, das versões de Cinderela, sofrem com os abusos de suas madrastas. Isso difere do conto maravilhoso, que Coelho irá caracterizar como:

[...] narrativas que, sem a presença de fadas, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, objetos mágicos, gênios, duendes etc.) **e têm como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática, concreta)** (1987, p. 14, *grifo nosso*).

As versões de Cinderela em questão apresentam uma problemática pessoal da heroína, a qual deve ser vencida para que se torne alguém melhor, o que difere do conto maravilhoso.

## 2.1 O MARAVILHOSO E O FANTÁSTICO

Todorov (1992) define o conto de fadas como uma variante do maravilhoso. O autor destaca que:

Relaciona-se geralmente o gênero maravilhoso ao do conto de fadas; de fato, o conto de fadas não é senão uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono de cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para citar apenas alguns elementos dos contos de Perrault). O que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o estatuto do sobrenatural. (TODOROV, 1992, p. 60)

No maravilhoso, a existência de seres mágicos e acontecimentos sobrenaturais é possível ao leitor, que aceita essa convenção da narrativa. Essa perspectiva é determinada na medida em que os acontecimentos sobrenaturais são naturalizados aos olhos do narrador e das personagens, manifestas no conto.

Já o fantástico, que se opõe ao maravilhoso neste aspecto, trata-se da “[...] hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1992, p. 31). Quando um conto se caracteriza

como fantástico isso representa que ele causa confusão no que diz respeito a realidade dos acontecimentos narrados. Partimos então, agora, para a análise comparativa e percepção dos aspectos estruturais do conto de fadas, assim como outras considerações.

### 3. ANÁLISE DAS VERSÕES DE CINDERELA: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Em um primeiro momento, é perceptível que existem semelhanças marcantes em cada um dos contos. Começamos por uma das mais simples que é o fato de que todos os textos são protagonizados por personagens femininas e o foco narrativo está na terceira pessoa. Esse tipo de narrado é ciente de todos os fatos que se desenrolam durante a narrativa.

As histórias analisadas também apresentam uma madrasta como figura que destrói uma harmonia inicial, criando dificuldades para a vida das protagonistas. Esse padrão é observado em contos de fadas, ele se manifesta pois “A efabulação básica do conto de fadas expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance suas auto-realização existencial [...]” (COELHO, 1987, p. 13). É por meio das dificuldades que vem com a perda da mãe das protagonistas, seguida da crueldade das madrastas, que as heroínas ascendem ao fim das narrativas.

Quando os contos de fadas trazem esse conflito, eles “oferecem novas dimensões a imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só” (BETTELHEIM, 1980, p. 16). O subsídio que essas narrativas promovem na criança é relevante para a sua formação enquanto ser que percebe o mundo a sua volta e entende suas dificuldades para, então, encará-las e superá-las, afinal, a vida não é feita apenas do que é bom e agradável.

#### 3.1 INTERPRETANDO AS VERSÕES DE CINDERELA

É importante reafirmarmos que, sob a concepção de Todorov (1992), todos os textos analisados se caracterizam como contos maravilhosos, tendo em vista que os acontecimentos sobrenaturais neles apresentados são tomados como comuns.

Nas versões de Cinderela analisadas, o maravilhoso é nítido quando se analisa alguns fragmentos. Podemos observar isso no seguinte trecho da segunda história:

[...] ao passar diante de uma frondosa árvore, viu sobre os seus ramos duas pombas brancas que o advertiram:  
- Olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...

O príncipe desmontou e tirou-lhe o sapato (GRIMM, 2005).

Em nenhum momento o príncipe questiona o fato de que as pombas conversavam com ele. Assim ocorre na primeira história, quando a fada madrinha realiza os desejos de Cinderela: “Com um aceno da mão, uma das abóboras do jardim transformou-se numa carruagem! Os animais eram magníficos cavalos!” (DISNEY, 2004). Na terceira história, com Bicho de Palha, a situação não é diferente:

– Leva esta varinha, Maria, e quando estiveres em perigo, desejo ou sofrimento, deves dizer: "minha varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, dai-me". E tudo sucederá como pedires.  
Maria agradeceu muito e fugiu (CASCUDO, 2014).

O conto supracitado, protagonizada por Gata Borralheira, possui uma extensão narrativa maior em relação aos outros, nos fornecendo, dessa forma, mais informações dos acontecimentos que se estendem ao longo do conto.

A árvore que Gata Borralheira cuida, nascida no túmulo de sua mãe, habitam pombas. Estes seres que auxiliam a protagonista em alguns momentos da narrativa, como quando a madrasta da jovem pede a ela que separe as lentilhas que jogou nas cinzas da lareira:

- Dócil pombinha, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.  
- Os grãos bons no prato, e os maus no papo.  
Duas pombinhas brancas, seguidas de duas rolinhas e de uma nuvem de passarinhos entraram pela janela da cozinha, e começaram a bicar as lentilhas. E muito antes de terminarem as duas horas concedidas, separaram as lentilhas (GRIMM, 2005).

Essa árvore é de grande significância para os acontecimentos que se desenrolam durante a narrativa e o a ascensão da protagonista. Percebemos aqui que árvore (uma Oliveira) representa a mãe, cuidando da filha. As pombas que repousam nela e alertam o príncipe, quando ele busca sua amada, experimentando o sapato deixado em todas as moças da cidade, de que aquela que veste o sapato não é sua amada. Isso acontece nos momentos em que as duas filhas da madrasta de Cinderela experimentam o sapato, que fica apertado em seus pés. O príncipe só percebe isso com o alerta dos pombos.

Sobre a mãe das protagonistas, vale destacar o seguinte: percebemos que na segunda história, a mãe de Gata Borralheira adoece e morre. Na terceira história, é mencionado que o pai de Maria, apelidada de Bicho de Palha, enviuvou. Contudo, a mãe da protagonista da primeira história nem ao menos é citada. O leitor percebe que a personagem vive sem a mãe quando o narrador expressa que o pai de Cinderela se sentia sozinho – neste não podemos

saber se a mãe faleceu ou se os pais da protagonista se separaram, a narrativa não nos fornece essas informações.

É importante mencionar aqui um aspecto que se opõe a atitude das outras protagonistas dos outros contos, que é o fato de Bicho de Palha sair de casa, fugindo do sofrimento que a madrasta a fazia passar:

Na ausência do pai a madrasta obrigava-a aos serviços mais rudes e pesados, alimentando-a do que havia de pior e em quantidades insignificantes.

[...]

Como a madrasta fosse se tornando mais violenta e brutal, a enteada resolveu abandonar a casa e ir procurar trabalho longe daquele inferno (CASCUDO, 2014).

Vale destacar também as atitudes do pai de Gata Borracheira. Diferentemente dos pais das personagens da primeira e terceira história, o pai da protagonista da segunda história não se manifesta em relação aos acontecimentos e ao sofrimento da filha. Ele tem atitudes neutras, observando e não se opondo as maldades de sua esposa, a madrasta de Cinderela, e sofrendo represarias no final:

Quando os habitantes do reino souberam da forma como o malvado e desnaturado pai, a madrasta e as duas filhas tinham tratado aquela que agora era a sua adorada princesa, começaram a desprezá-los de tal modo que eles tiveram que abandonar o país (GRIMM, 2005).

Um dos momentos mais importantes nas narrativas analisadas é o baile, que ocorre nos três contos. Apenas a primeira história difere em um aspecto principal pois, nela, ocorre apenas um baile, diferentemente das outras duas narrativas, nas quais ocorrem festas (e nelas os bailes) com duração de 3 dias. As diferenças se manifestam com mais peso nas vestimentas, que são variadas entre as histórias, fugindo na segunda e terceira histórias do famoso sapatinho de cristal.

No baile – ou, no caso da segunda e terceira história, nos bailes – observamos que as protagonistas saem antes que ele acabe, a meia-noite. O que diverge entre as histórias, nesse momento, e de acordo com o que a narrativa nos entrega, é que a Gata Borracheira e Bicho de Palha não possuem um motivo ou obrigação explicável para sair do baile. Todavia, na primeira história, Cinderela possui um limite, que é estabelecido pelo tempo de duração da magia que transformou a abóbora em carruagem e os trapos em um belo vestido: “A Fada-Madrinha avisou-a que a magia não ia durar para sempre. Teria de regressar a casa antes da meia-noite, pois nessa altura tudo voltaria à forma real.” (DISNEY, 2004).

Nos três contos, observamos personagens mágicas, que auxiliam a protagonista. São elas: a fada madrinha (da primeira história), a pomba branca (da segunda história) e a velhinha (da terceira história). Há uma relação dessas três figuras no que diz respeito a seus papéis na narrativa, afinal, essas personagens são aquelas que realizam o desejo da protagonista de ir ao baile, auxiliando as heroínas e corroborando para um desfecho que, nas três narrativas, é ficar ao lado do amado e, juntos, se casarem e viverem felizes.

Ao final da terceira história, o narrador revela um importante fato sobre a velhinha: “Bicho de Palha contou sua história, e a varinha de condão, cumprida a vontade da velhinha, que era Nossa Senhora, desapareceu, deixando-os muito felizes na terra.” (CASCUDO, 2014). A presença do religioso no conto se dá pela influência cultural, que também é observada no seguinte trecho: “A vida ficou insuportável para a moça que se consolava **rezando** e chorando.” (CASCUDO, 2014, *grifo nosso*). O viés católico do qual essa história se alimentou revela marcas da cultura na qual foi disseminada, afinal, trata-se de uma versão brasileira da história, onde a cultura está fortemente ligada ao catolicismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, pudemos ter uma visão geral de três versões do conto de fadas Cinderela. Foi possível observar como o conto de fadas se diferencia do conto maravilhoso, fazendo os dois parte da mesma esfera: a narrativa popular maravilhosa. Através disso, pudemos estabelecer que existem diferenças entre esses dois tipos de narrativa popular, afinal, são vertentes de um mesmo segmento. Percebemos as diferenças entre o maravilhoso e o fantástico, apontando nos contos o que os caracteriza como conto de fadas e identificando o maravilhoso.

Notamos também, ao longo das análises, as contribuições que o conto de fadas pode trazer a criança e a importância das histórias analisadas. Como diz Coelho, em muitas narrativas maravilhosas “O que parece apenas 'infantil', divertido ou absurdo, na verdade carrega uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida.” (1987, p. 10). Cinderela toca em categorias básicas de problematizações humanas internas, como a morte e outras questões que representam a fragilidade de nossa existência. A carga de significação que essas histórias trazem é de grande relevância.

Percebemos semelhanças nos contos, contudo cada um possui sua identidade e suas influências, tendo em vista que são narrativas nascidas na oralidade e que foram passadas por várias gerações, até serem registradas e eternizadas na escrita. As semelhanças e diferenças

encontradas vão do nível da forma até o nível interpretativo, tendo em vista que as versões são de diferentes origens. A mudança que ocorre nesse tipo de narrativa popular marca toda uma história, que deve ser respeitada e apreciada.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A luta pelo significado**. In: \_\_\_\_\_. *A psicanálise dos contos de fadas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CASCUDO, Dália Freire. Bicho de Palha. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil** (edição digital). 1. ed. São Paulo: Global, 2014. p. 39 - 42.

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. São Paulo: Ática, 1987

DISNEY, Walt. Cinderela. In: FREITAS, Teresa. **Contos infantis**, 2004. Disponível em: <[http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/cinema/dossier/cinderela/cinderela\\_texto.htm](http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/cinema/dossier/cinderela/cinderela_texto.htm)>. Acesso em: 30 de jun. 2019.

GRIMM, Irmãos. **Cinderela**. Grimm Stories, 2005. Disponível em: <[https://www.grimmstories.com/pt/grimm\\_contos/a\\_gata\\_borracheira\\_cinderela](https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_gata_borracheira_cinderela)>. Acesso em: 30 de jun. 2019.

MIRANDA, Rafael. **30 coisas que você não sabia sobre "Cinderela"**. In: *Fatos Desconhecidos*, 2015. Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/30-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-cinderela/>>. Acesso em 02 de jun. 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.